

Entorpecidas

Ronaldo Pequeno

“So we beat on, boats against the current,
borne back ceaselessly into the past.”

- *O Grande Gatsby*

“Drugs shouldn't be used for recreation
although they can be, but ultimately the
point of psychedelics is to put you in touch
with the powers of the universe.”

- Ray Manzarek

Em memória de Manoel Dias do
Nascimento.

Retratação

Esta obra está longe de possuir qualquer parâmetro moral e ético prezado pela decência humana ou bom senso em geral. O que existe aqui nasceu de um lugar de extrema imaturidade e ignorância acerca de uma série de temas sérios que são abordados aqui de forma muito superficial. Questões de gênero, raça, feminismo e veganismo não são tratadas de forma devida, pelo contrário, muito do que se encontra neste livro pode ser considerado de extrema insensibilidade e mau gosto. Não era minha intenção fazer algum tipo de retrato satírico das pessoas que representam pautas tão relevantes na sociedade em que vivemos, na verdade parte de mim achava que eu estaria contribuindo de forma positiva para com essas pautas. Uma boa parcela da ficção possui sua parcela de realidade, considerando tanto meu lugar de fala quanto lugares que não tenho pudor algum para falar, tanto hoje quanto em 2015 quando escrevi as Entorpecidas, creio que é preciso ter em mente o quanto o texto a seguir quase que em sua integralidade não deve ser levado a sério, por mais que o texto

se leve a sério. Este livro vem de um confronto com realidades muito diferentes da minha, talvez eu tenha escrito isso como uma forma de entender essas realidades, essas vidas. Eu me pergunto seriamente o que as pessoas que me conheceram e me impactaram naquela época, levando-me a escrever este livro, achariam do texto. Será que se ofenderiam ou se sentiriam vistos? Seria isto uma comédia ou só uma tentativa de construir um drama abordando temas muito além da minha bagagem intelectual? É um questionamento que deixo para o leitor, durante muito tempo hesitei se a obra deveria vir a público por causa desses motivos que discorro agora e que ficarão mais claros ao longo da leitura. Nenhuma crítica à execução dos temas presentes no texto é inválida. Só peço desculpas de antemão. Há uma infinidade de vivências e histórias que eu sou a pior pessoa possível para se contar. Entorpecidas é uma dessas histórias.

R.

1.

Você não é nada.

Você é o pior ser humano do mundo, é um insulto à humanidade você continuar vivo.

Você é um lixo, um idiota sem futuro que ninguém suporta ter por perto.

Ok, já podemos começar?

Tudo bem.

Três, dois, um...

Mônica disse para seu terapeuta:

- Eu não sei o que seria de mim sem essas sessões. O senhor tem me ajudado tanto nos últimos anos.

- Eu não fiz nada, você que se ajudou.

- É sério, eu teria morrido sem sua ajuda. Eu nem acredito nisso, será que posso deixar de lado os remédios de vez?

- Num futuro próximo, sim. Seus últimos testes tiveram resultados surpreendentes, não me lembro de ter visto algo assim antes.

- Pode ter sido força de vontade, sei lá.
- Quem sabe. Apenas lembre-se de que você não está sozinha, nós sempre poderemos voltar com as sessões caso você precise.
- Eu sei disso, mas também sei que não vou mais precisar delas, o senhor me fez descobrir um lado meu que eu não conhecia.
- Já falei, eu não fiz nada...
- Sim, sim... Tudo bem... Está tudo na mente.

E foi assim que Mônica decidiu cursar Psicologia.

2.

Meu nome é Nicolas, as pessoas me chamam de Nick. E a única coisa que é preciso saber sobre mim é que eu sou muito macho.

Sempre amei meus pais de todo o coração e acredito que o sentimento sempre foi recíproco. Apesar da tristeza, creio que eles

compreenderam porque decidi morar tão longe. Minha desculpa foi que aqui era o único lugar onde eu poderia cursar o que eu quero, mas isso é balela, minha cidade tem faculdades ótimas. O que me atraiu de verdade aqui foram as tais repúblicas universitárias, embora meros boatos tenham sido o suficiente para despertar minha curiosidade. Mas os boatos não passavam disso, quando cheguei aqui descobri que a realidade era totalmente diferente do que eu havia sonhado e planejado, eu já deveria estar acostumado a isso. As primeiras noites foram difíceis, eu comia com a boca sedenta pela comida da minha querida mãe, dormia com os braços carentes de um abraço do meu pai, eu telefonava para eles quase toda noite, mas não era o suficiente. Eles me pediam para voltar, eu voltava apenas em alguns feriados como na semana santa ou carnaval. E muitas vezes eu me sentia tentado a voltar a minha antiga vida aconchegada em meu velho ninho, e com certeza teria voltado se não fosse pelo que me aconteceu.

Quando eu estava no primeiro semestre de Psicologia fiz apenas um amigo, um garoto

gorducho e branquelo que falava pelos cotovelos e se sentia feliz por encontrar um ouvinte. Seus interesses eram bem diferentes dos meus, pois filmes sempre me causaram tédio, quadrinhos para mim sempre foram coisa de criança, mas o entusiasmo que o garoto demonstrava ao falar de suas paixões startrekinianas impedia que nossas conversas fossem maçantes, pelo menos durante os primeiros cinco segundos. Ele não tinha amigos por questões óbvias, enquanto eu me sentia cansado demais para conhecer pessoas novas, sentando-me sempre no fundo da sala, sem paciência para puxar assunto com ninguém. No primeiro dia de aula, a primeira coisa que notei em minha sala foram as mulheres. Pares de coxas maiores do que meu corpo inteiro, os poucos homens presentes na sala eram gays, ou seja, nenhuma concorrência. Eu havia tirado a sorte grande, imaginei-me num futuro não muito distante, grato por ter finalmente cursado o que eu tanto queria, ganhando dinheiro fazendo algo que gosto e cercado das mais lindas mulheres que Deus, se por acaso ele existe, criou. Mas por ora eu teria que me contentar com a realidade e

continuar ouvindo o gordinho falar sobre seu mais novo exemplar do universo expandido de Star Wars.

- Boba Fett é o verdadeiro herói da saga.

-Quem?

- Boba Fett. Ele perde o pai e luta por vingança ao longo da saga, isso fica claro. Você nunca chegou a ver os filmes?

- Quando eu tinha três anos, sim, e mesmo nessa idade lembro-me de tê-los achados patéticos.

O gordinho começou a rir achando que fora uma piada, que coisa lamentável.

Enquanto ele falava, eu me perguntava como seria meu futuro. Eu estava estudando na mais conceituada faculdade pública do estado, morando num confortável quarto disponibilizado por uma adorável senhora a um preço razoável. O governo me pagava uma gorda bolsa todo mês, o que me livrava da maldição de ter que arrumar um emprego e me proporcionou tempo livre para fazer o que eu quisesse, embora só o que eu precisasse fazer fosse estudar. Mas devo

confessar que apesar de desfrutar o conforto que um espaço para si proporciona, eu me sentia bastante solitário. Deixei para trás não apenas meus pais, mas meus amigos e meus amores. Fiz questão de cortar relações quando me mudei pra cá; com exceção dos meus pais, eu não me comuniquei com ninguém da minha antiga vida, por mais que lágrimas fossem derramadas tanto aqui como lá. Mas eu deveria seguir em frente e aproveitar a companhia daquele garoto gordinho, meu único amigo no momento. Antes que eu me esqueça, o nome do gordinho era Luís, seria bastante cansativo continuar me referindo a ele como garoto gordinho durante o resto da narrativa, não acham?

Passávamos o tempo inteiro juntos, talvez por isso as garotas não se interessavam por mim. Uma das razões que me fez optar pela Psicologia é o fascínio que tenho pelo comportamento humano, por isso não me contive em observar cada pessoa da minha sala. Em um mês, era como se eu conhecesse muito bem cada um de meus colegas de sala, embora eu não soubesse sequer seus nomes. E assim como no ensino

médio, havia grupinhos. As divergências entre um grupo e outro ficavam explicitamente claras nos tipos de festas que cada um organizava.

Se um grupo decide tocar forró, sertanejo, levado a muito uísque e energético, outro toca death metal com muito vinho e vodca, enquanto outro toca reggae numa festa sem muito álcool mas com muita fumaça. Nos primeiros meses, não compareci a nenhuma festa que fosse, simplesmente por não ter sido convidado e um homem deve respeitar quando não é bem-vindo no ambiente. Mas isso não apagava minha curiosidade.

- Luís... – disse eu, interrompendo meu adorável amigo pela primeira vez.

- O que foi?

- O que rola nessas festas?

- Que festas?

- As festas que os alunos daqui organizam.

- Depende.

- Do quê?

- Há quem diga que essas festas são boas, outros dizem que só rola esculhambação.

- O que dá no mesmo.

- Mas eu não saberia dizer, nunca fui.

- Por que será?

- Além disso, não é legal ir a um lugar onde você não conhece ninguém. As pessoas são muito reservadas aqui na Psicologia, não sei se você percebeu. Veja, está vendo aquele casal? Aquele casal é o modelo perfeito do tipo de aluno que frequenta essas salas de aula. Cabelo bem penteado, camisa de gola, relógio bonito, tênis de marca... E a garota, olha pra ela, parece uma boneca na vitrine. Esse tipo de gente só convive com quem é da mesma casta, só organizam festas restritas para um grupo seletivo de pessoas. Mas isso é na Psicologia e no Direito, porque se você der uma olhada na ala da Filosofia e da História...

- O que é que tem?

- Bando de drogados. Tudo maconheiro, você não vai querer se meter com essa

gente. Então, eu estava falando sobre o novo Robocop, que tá uma coisa péssima e eu vou te dizer o porquê.

Minha atenção voltou a se dispersar em relação ao falatório do meu amigo, fazendo-me notar a ruivinha que fazia algumas cadeiras conosco. Ela não se vestia como os elitistas da Psicologia, mas como os drogados da Filosofia. Pulseiras, uma grande pena de águia no brinco, humildes sandálias nos pés, uma saia verde e uma blusa azul escuro com uma delícia de decote, como eu queria nadar nele. Ela não falava muito nas aulas, fazia um comentário aqui e ali, mas sempre muito breve em suas digressões. E nos intervalos, percebi que seus amigos não eram ninguém do nosso curso, mas dos outros cursos. Ela parecia conhecer praticamente todos na faculdade, cumprimentava quem quer que passasse, mas poucos eram aqueles com quem ela mantinha uma conversa que ia além das formalidades. Naquele dia, ela comia um sanduíche no gramado enquanto conversava com uma moreninha da Letras.

- E aquela garota? Você acha que ela faz parte do tal grupo seletivo?

- Quem?

- A ruiva de sarna do lado daquela
menininha de cor.

- Ah, aquela é a Mônica Boca de Veludo.
Pessoal diz que ela é mó rameira, rodada
mesmo. Dizem por aí, não sei se procede.
Até professor já pegou ela, me disseram.

- Sério?

- É o que dizem. Parece que na outra
cidade onde ela morava vazou um vídeo
dela com quatro caras, foi um vexame e
tanto. Reza a lenda que ela até mudou de
nome por causa do constrangimento.

Imaginei-a uma Maria Madalena em busca
de perdão, olhei para ela com ainda mais
cobiça, ensaiando em minha cabeça quais
palavras eu teria que dizer para provar
daquela tal boca de veludo. Meu sorriso se
desfez quando vi a ruiva aos beijos com a
moreninha.

- Ela é lésbica?

- Tô te falando, essa menina é louca, dá
pra todo mundo.

Revirei os olhos e pedi para que Luís voltasse a explicar as razões do Mega Drive ser melhor que o Super Nintendo. O tempo passou e a tal ruiva não me chamou mais a atenção, ela parecia fazer questão de não se envolver com o resto das pessoas do curso, algumas a chamavam para almoçar junto dos elitistas mas ela sempre recusava. Havia dois casais que sempre almoçavam juntos, de acordo com Luís seus nomes eram Caio namorado de Júlia e Rafael namorado de Paulina. Rafael usava sempre camisas abotoadas xadrez e tinha uma esplendorosa barba loira, sempre exibindo sua namorada Paulina e seus cabelos negros e curtos e coxas grossas e firmes. Caio parecia ser uma cópia de Rafael, só que sem a barba, mas também sempre exibindo o charme de sua namorada Júlia. Eles sempre opinavam nas aulas e era sempre a coisa mais cansativa do mundo, falavam como se suas opiniões fossem algo que todo mundo deveria ouvir e engolir. E não eram apenas eles, praticamente todo o nosso curso era composto por pessoas assim. De certa forma, eu compreendia o isolamento de Mônica para conosco e nutria um tipo de inveja dela, eu daria tudo para conhecer

alguém que não falasse como se estivesse certo e o resto do mundo errado. Se as festas que aqueles idiotas organizavam eram tão restritas assim, então não valia a pena fazer parte delas. Eu queria estar com Mônica e saber o que ela achava daqueles que tínhamos que suportar conviver, queria que ela me apresentasse pessoas que me falassem de coisas que me fizessem rir e refletir. Mas a solidão é uma zona de conforto, por isso nunca puxei assunto com ela, talvez fosse melhor que cada um cuidasse da sua vida sem incomodar ninguém.

Numa sexta-feira, Luís sugeriu que fossemos a uma dessas festas mesmo que ninguém tivesse nos convidado.

3.

- Rapaz, eu tô pegando mulher demais, pai véi! – disse Rodrigo Cabeça, enchendo outro copo de cerveja.

Bebia junto não de amigos, pois não considerava ninguém seu amigo de verdade, mas junto de pessoas cujas presenças

poderiam proporcionar prazer para si, e isso era a única coisa com que Rodrigo realmente se importava. Bebia junto de Kaleb, Ladeira e Virgílio, num bar localizado na esquina de uma calçada perto de um terreno onde se encontrava uma grande árvore cujos galhos e folhas pairavam acima das mesas onde eram servidas as bebidas. A fascinante vida sexual narrada por Cabeça despertava a atenção de todos naquela mesa, exceto Virgílio, pois a única coisa que Virgílio conseguia pensar no momento era em sua tamanha insignificância em relação ao universo; sentia-se assim desde que assistira casualmente a um programa na televisão com o Carl Sagan. A única coisa que conseguia pensar sobre Rodrigo naquele momento era no quanto aquele cara amava o som da própria voz, cada palavra e gestos exprimidos eram como um grito desesperado por admiração pública, mesmo que Ladeira e Kaleb não percebessem isso, Virgílio via no olhar de Cabeça a satisfação em ser ouvido e adorado. Naquele momento, passou a ver Rodrigo como um ser grande demais para caber dentro de si, ocupado demais suprimindo suas próprias

necessidades e desejos para sequer olhar para o céu e admirar algo fora de seu corpo.

Alguém assim jamais sentiria o que sinto, pensou Virgílio, alguém assim se sentiria em paz com relação ao fato de sermos grãos de poeira estelar flutuando pelo vácuo, capazes de sumir para sempre de toda a existência com um simples sopro, já que este pensamento nem sequer passa em sua mente. Rodrigo continuava, os amigos dando corda, curiosos por mais detalhes, nada poderia ser mais maravilhoso para alguém assim. Mesmo que Rodrigo fizesse isso de forma inconsciente, cada atitude sua tinha como fim gritar para quem quisesse ouvir ME AME! ME AME! ME AME!

Kaleb o amava. Ladeira o amava. Virgílio nem tanto, mas não havia percebido isso até então.

- Acho que minha filosofia de vida – continuava Rodrigo – tem como fonte, em boa parte, O Retrato de Dorian Gray. O cara é sensacional, ele vive e usa as pessoas apenas e somente para sentir prazer, só isso. Esse é o sentido da vida, a busca pelo prazer.

Fechem todas as igrejas, esqueçam todas as filosofias, Rodrigo Cabeça acabou de encontrar o sentido da vida! pensou Virgílio revirando os olhos de náusea.

- Mas agora me respondam. Existe algo melhor do que sexo?

Ladeira deu uma risada dizendo que não, enquanto Kaleb formulou uma resposta um pouco mais curiosa:

- Bem... Eu considero o desejo sexual como uma necessidade física do corpo, como a fome ou a sede. E como qualquer necessidade básica, uma vez satisfeita, o organismo volta ao seu estado normal, nada de extraordinário.

- Ei ma, o que tu quer tá mole. – disse Cabeça, fazendo Ladeira cair na risada. – Esse menino tem muito que aprender ainda.

Kaleb também riu, mas por uma razão que Virgílio não conseguia compreender.

- Isso é horrível... – murmurou Virgílio, mais para si do que para qualquer verme que estivesse perto.

Rodrigo, provavelmente não suportando que alguém ali falasse mais que ele, voltou a discursar:

- Eu sei que existem coisas mais importantes na vida que sexo, mas eu quero saber se existe algo melhor, mais prazeroso, porque eu ainda não achei.

- E você aprendeu essa lição de vida lendo O Retrato de Dorian Gray? – perguntou Virgílio, que até então havia ficado calado quase a noite inteira.

- Sim, e daí?

- Você sabe que ele não é um exemplo a ser seguido. Ou você não leu o livro até o final?

- Me respeita, claro que li. Vê se me entende, muitas coisas eu posso usar na minha vida, mas claro que não tudo, eu tenho discernimento sobre o que é decente e o que não é. Ouve a história inteira antes de criticar, moleque.

Virgílio não gostou nada da réplica, mas isso era normal, Cabeça defendia a imagem que tinha de si mesmo com unhas e dentes,

apenas para ter uma intensa sensação de vitória dentro da própria mente, achando que quem quer que o tenha contestado não terá razões para fazê-lo de novo e passará a tratá-lo da forma que merece. Rodrigo sorriu sentindo que havia triunfado, que Virgílio pensaria melhor nas palavras que dissera e concluiria quem tem razão ou não. Mas na verdade, Virgílio só estava entediado, continuava achando que egocentrismo não é a chave para a felicidade, como Rodrigo fazia questão de mostrar. Virgílio não queria revidar, pois não se sentia insultado de forma alguma, pelo contrário, achou graça de como uma bobagem dessas poderia ser considerada como vitória na mente de alguém assim.

E como se já não fosse o bastante, Rodrigo começou a dar conselhos de como pegar mulher. Coisas como malhar bastante, pois é preciso ser gostoso para elas ficarem loucas, arrumar um emprego pra ter dinheiro e pagar quanta bebida quiser, sair sempre no carro, dizendo que se não der pra pagar motel, fazia no banco de trás mesmo.

- Mas eu vivo falando pra esse cara, só que ele não me escuta. Kaleb, você não é feio,

mas se você se ajeitasse poderia arrumar a mulher que quiser. Eu vivo dizendo pra você começar a malhar, mas você parece que gosta de morrer na mão. E arranja logo um trabalho, deixa de ser desocupado, mulher não gosta de vagabundo. Eu te critico porque gosto de ti, pior se eu fizesse isso nas suas costas.

Kaleb sorriu, assentiu como se absorvesse tudo profundamente, Virgílio sentiu vontade de vomitar ao ver isso.

- Ladeira, presta atenção, se você visse esse cara ontem na boate... A gente estava com três princesas, três mulheres que parecem ter saído de filme, aí esse cara parece que fumou demais porque ele começa a agir estranho.

- Mais do que já é? – disse Ladeira, fazendo todos rirem, exceto... vocês já sabem quem.

- Eu fiquei mais bêbado que o normal, - disse Kaleb, como quem tenta se justificar de um crime imperdoável. – e o cigarro me deixou bastante tonto, mas eu estava me divertindo apesar disso.

- Você parecia um doido, as meninas começaram a se afastar de ti, já são três mulheres que você nunca vai pegar na vida.

- Tudo bem, sinto muito, mas minha prioridade era me divertir. Você foi quem me ensinou isso.

- Tá, mas depois não reclame se continuar na seca. Eu gosto de ti, mas esse teu jeito queima o filme, dá até vergonha de andar perto de ti às vezes.

Assim que Rodrigo disse isso, Virgílio redobrou a atenção na expressão do rosto de Kaleb para captar sua reação. Mas tudo que Kaleb fez foi simplesmente sorrir e dizer Tudo bem, acenando com a cabeça, com um olhar não de alguém triste, mas conformado.

- Isso é horrível... – murmurou Virgílio, agora um pouco mais alto.

- O que você disse? – perguntou Rodrigo.

- Nada. Eu estava... pensando em voz alta. Vocês têm maconha?

- Não, mas a gente pode ir num lugar que tenha.

- Ok...

Virgílio sentiu um inigualável alívio, não sabia por quanto tempo teria que suportar tudo isso sóbrio. Mesmo que o álcool já estivesse distorcendo um pouco sua perspectiva, álcool não era o bastante, era preciso algo que o acalmasse de forma bem mais intensa.

- Cadê aquele teu amigo, o Rodolfo? – perguntou Cabeça à Ladeira enquanto dava a partida no carro.

- Ele tá na bad.

- Tô dizendo mesmo, o cara tem que saber fumar. É capaz dele acabar ficando maluco se não souber como se drogar de forma saudável.

Virgílio não sentiu vontade de dizer uma palavra durante o trajeto inteiro do bar até o lugar onde Cabeça disse que arranjaria a parada, estava ocupado observando aquelas pessoas que um dia chamou de amigos e que agora começava a vê-los como estranhos, por uma razão que ele não sabia

explicar. Imaginou uma força alienígena reprogramando seu cérebro de forma tão sutil e delicada que seria impossível notar, alterando não apenas suas percepções, mas literalmente, substituindo seus olhos antigos por novos.

- Vou mostrar pra vocês agora o que é música de qualidade. – disse Cabeça ao botar Engenheiros do Hawaii pra tocar. A música era Infinita Highway, Cabeça começou uma palestra sobre como a letra dessa música falava diretamente com ele, como se fosse a história da sua vida sendo cantada.

- Bota Los Hermanos. – disse Kaleb.

- Me respeita, porcaria de Los Hermanos, eu aqui mostrando música de qualidade e você me vem com essas frescuras, parece que quer é outra coisa. O negócio é Detonautas, Charlie Brown Jr., Biquini Cavado... Você não conhece nada de bom se tratando de música.

Ladeira pediu pra botar Led Zeppelin, Cabeça disse que depois botava, mas só quando estivesse satisfeito de ouvir

Engenheiros. A próxima música era Pra Ser Sincero, versão acústica.

- Eu não gostava dessa da primeira vez que ouvi, mas a letra me intrigou. Agora não consigo parar de ouvir, as melhores músicas são assim.

Virgílio já havia ouvido aquela música um milhão de vezes por aí e nunca em nenhum momento conseguiu gostar.

- Isso é sertanejo universitário. – murmurou.

- O quê? Esse cara só fala pra dentro, fala direito senão ninguém te ouve.

- Isso é redundante.

- Como é?

- Ninguém me ouvir... É redundante, não importa se falarei alto ou não.

- Do que você tá falando? Divide esse bagulho com a gente, diabo egoísta, tu acabou de apertar um fino escondido da gente, não é?

- Quer saber do que estou falando?

- Diz aí.

- Estou falando que Engenheiros do Hawaii é um lixo.

Kaleb fez uma cara de espanto, Ladeira começou a rir, Virgílio esperou alguma reação típica de Cabeça, mas ele nada fez a não ser dizer:

- Tá dizendo né.

O resto da viagem seguiu num silêncio quase sepulcral, Virgílio gostou muito disso. Ladeira convenceu Cabeça a botar pra tocar Led Zeppelin, Virgílio gostou mais ainda disso. Fechou os olhos e agradeceu a qualquer força extraterrena que o tenha feito sentir os efeitos da pílula vermelha do Matrix, embora a inevitável consequência disso fosse o total sentimento de solidão ao estar perto daquelas pessoas.

Cabeça estacionou, disse ao flanelinha que estava sem grana, os quatro caminharam até uma casa onde parecia estar acontecendo uma festa. Na porta de entrada, dois sujeitos usando toucas e roupas de frio estavam encostados na parede fumando cigarros.

- E aí, o que vocês têm? – perguntou
Cabeça a eles.

- Tudo que seus sonhos desejarem, baby.

- Me dá um do bom.

- Tudo aqui é do bom, com quem você
acha que tá falando?

- Desculpa.

Virgílio imaginou que aqueles sujeitos
deveriam ser bem perigosos para fazer o
Cabeça pedir desculpas.

- De boa. Quer doce?

- Não, hoje não. Só um do bom. Pode
apertar pra gente?

- 15 reais, adiantado.

- Tem desconto pros amigos?

- Tem. Mas pra você fica por 15 mesmo.

Cabeça deu uma risada enquanto o sujeito
continuou totalmente sério. Ao notar isso,
Cabeça pareceu encabulado, voltou a ter
uma expressão séria e tirou o dinheiro da
carteira. O sujeito tirou um frasco de vidro

do bolso, um pedaço de papel bastante fino e começou a enrolar.

- Eu preciso aprender a bolar. – disse Cabeça.

- Você precisa aprender muitas coisas ainda.

Ele acendeu, deu uma tragada, soltou a fumaça num delicioso suspiro e passou para Cabeça e os outros.

- Valeu mesmo!

- Suma da minha frente.

- O que tá rolando aí dentro?

- Entra lá e descobre.

- Festa pra comemorar a volta do MC Barracal. – disse o outro sujeito que até então não tinha dito nada. – Saiu da prisão ontem.

- Beleza. A gente se esbarra.

Eles entraram pela porta da frente, várias mulheres de shorts apertadíssimos passavam por eles, todas encarando de forma provocante; Kaleb olhava espantado como

se nunca tivesse visto uma mulher de perto na vida, o que provavelmente era o caso.

- Passa a bola, mão de cola. – disse Ladeira pegando o beck.

Tocava um funk pesado, um gênero que até então Virgílio se recusava a considerar como música. Mas naquela hora ele fumou um, puxou a fumaça pra dentro, prendeu a respiração e deixou que a natureza cuidasse do resto. Ele fechou os olhos e sentiu uma sensação de frio na parte de cima da cabeça, talvez fossem os extraterrestres operando seu cérebro de novo. O funk não mais o incomodou, pelo contrário, ele conseguiu apreciar e muito o ritmo da batida.

Bololo

Há Há

Bololo

Há Há Há Há

Virgílio se lembrou de algo que Mônica lhe falou certa vez, mas que só agora entendia o sentido:

“Quando o universo fala com você, é preciso parar tudo que você está fazendo no momento e ouvir.”

E ele ouviu. Ainda de olhos fechados, começou a balançar os braços, louvando aos seres superiores por terem dado a oportunidade de uma nova chance, ele entendia que as alterações em suas percepções não eram à toa, mas destinadas a um fim, um propósito. Que fim era esse, Virgílio estava começando a descobrir.

Ele sentiu um cutucar em seu braço, abriu os olhos, uma garota branca de lábios carnudos e pintinha no canto da boca o cumprimentava.

- Pode me dar um trago?

Ele passou o beck para ela, depois começou a ver o que se passava ao seu redor. Rodrigo Cabeça abocanhava uma garota na parede, pressionando-a com sua pelve; Ladeira e Kaleb davam risada enquanto dividiam uma garrafa de empalhada. Virgílio considerou o ato de misturar álcool com maconha como uma blasfêmia, aproximou-se dos dois e disse:

- O que vocês estão fazendo?

- Tomando uma caninha. Pega um copo pra ti.

- Estão malucos? Isso vai bloquear as vibrações energéticas do beck.

- Que fake news é essa? Tá é vendo é? A gente nem tá tão chapado assim, só o que a gente quer é ficar muito doido, só isso. Não é, Kaleb?

- É, ficar muito doido, pode crer.

Virgílio olhou para eles com horror, sentiu-se sujo por estar perto daquela gente, queria ir pra casa e se limpar.

- Eu preciso ir embora. Desculpem, não estou me sentindo bem.

- Quer que o Cabeça te deixe em casa?

- Não, pelo amor de Deus, não! Eu já vou indo. Se cuidem.

- Vai pela sombra.

Ladeira e Kaleb continuaram conversando de boa, Cabeça não notou a partida de Virgílio, ele saiu e pegou o primeiro ônibus

que passou pela parada. Sentia-se mal, mas ao perceber isso, sentiu-se pior ainda. Quanto mais tomava consciência de sua própria tristeza, mais triste se sentia. Até chegar ao ponto de sentir como se estivesse indo muito além dos limites da tristeza, não conseguindo sequer se mexer. Passou horas sentado no assento do ônibus, indo para todos os lugares e para lugar nenhum, sem um pensamento que fizesse sentido, exausto demais para chorar, afogado dentro do próprio espírito, incapaz de subir até a superfície e voltar a ter controle do próprio corpo. Era um recipiente vazio, sentia como se suas próprias energias que antes o preenchiam jamais tivessem existido, as forças que o controlavam não vinham dele, mas das fronteiras acima do céu que nenhum homem jamais explorou. Passaram-se horas até que o recipiente voltasse a ser preenchido e Virgílio conseguisse se levantar do assento e pagar a passagem.

Depois, quando finalmente pegou o ônibus certo, chegou em casa. Sentia-se melhor do que antes, mas ainda lhe faltava algo. Deitou-se na cama e começou a divagar.

- Engenheiros do Hawaii é um lixo, eu deveria tatuar isso nas minhas costas.

Ele pegou o celular, pôs os fones de ouvido e botou pra tocar Raimundos.

4.

Numa sexta-feira, Luís sugeriu que fossemos a uma dessas festas mesmo que ninguém tivesse nos convidado.

- E por que essa vontade repentina de aparecer por lá?

- Não sei se você vai me entender, mas hoje de manhã acordei refletindo sobre a missão da nave Enterprise. Eles não estão lá para conquistar outros povos, explorar minérios, nem nada do tipo. A missão deles é simplesmente desbravar o desconhecido, descobrir novos seres e novas culturas. É disso que eu preciso, ir para lugares que nunca fui, por que não começar pelas festas que sempre organizam aqui pela faculdade e que eu nunca vou?

- Sério? A premissa de Star Trek foi o que te fez querer ir à festa?

- Isso e o fato de eu já estar com quase vinte e cinco anos e a única mulher com quem estive na minha vida foi minha prima, sendo que ela é gorda e tem bigode.

- Acho válido. Mas a gente nem foi convidado.

- E daí? Ninguém vai se incomodar com a nossa presença simplesmente porque ninguém sabe que a gente existe.

- É um pensamento reconfortante.

- Você vem? Se você não for, vou sozinho, não me incomodo em ser um bêbado solitário.

Olhei para meu amigo Luís com uma admiração inédita, não parecia ser a mesma pessoa. Não sei se ele estava sendo completamente sincero em sua justificativa de repentinamente querer se socializar, mas não importava, seria uma experiência interessante. Qualquer coisa para sair da rotina, mas mais do que isso, eu poderia esbarrar com a linda ruiva Mônica e conhecê-la melhor. Se não, outras mulheres estariam lá para me agradar, era ganhar ou ganhar. Meus pensamentos se perderam no

ar, as coxas que eu tanto cobiçava em sala de aula estariam disponíveis para mim pela primeira vez, numa orgia de música e álcool; o desejo acendeu em meu corpo apenas com esses simples devaneios, fazendo com que um malicioso sorriso se abrisse em meu rosto.

- E então? Pela tua cara gostou da ideia né.

- Um pouco.

- Qualquer coisa se estiver uma chatice a gente volta cedo e nunca mais fala no assunto. Ok?

- Ok...

- Ok, agora deixa eu te contar sobre meus planos de rever a primeira temporada de Star Trek após essa epifania hoje de manhã.

Quão frágil é o espírito humano? Como algo tão infinitamente ínfimo tem o poder de nos abalar tanto, seja para nosso prazer ou martírio? Vocês acham que eu consegui pensar em outra coisa durante aquele dia? Vocês duvidam que ao chegar em casa, com a mente vidrada naquela cena que eu testemunhara do beijo ardente que aquela

ruiva tão falada dera na garotinha morena, sedento devido a uma excitação advinda de uma simples lembrança voyeur, minha primeira atitude foi me trancar no banheiro e me tocar? Como pode isso? A simples esperança de ver uma pessoa que eu mal sabia o nome despertar dentro de mim uma chama que muitas mulheres que tive na vida não conseguiram fazer surgir sequer uma fagulha? A imaginação humana não tem limites quando se trata da arte da sacanagem. Se Mônica soubesse o que fiz com ela antes de dormir, não tô nem aí se foi apenas em pensamento, foi real para mim. O corpo dela era perfeito, mas sinto que não tenha sido apenas isso que me tenha despertado tanto interesse, havia uma penca de outras mulheres tão ou mais gostosas que ela em nossa sala de aula. Ela não era diferente, posso fazer uma lista interminável de estudantes de ciências humanas iguais a ela, tanto no modo de se vestir como de se portar. Mas isso não importava, eu não consegui me manter quieto naquela tarde, assim que eu me deitava na cama na esperança de conter meus nervos, a imagem daquela ruiva sobre mim me aparecia, num delírio intenso demais para ser apenas fruto

da minha imaginação. A senhoria deve ter tido muito trabalho para limpar aqueles lençóis depois desse dia.

Às sete, com o corpo coberto de suor, as mãos exaustas, tentando ao máximo ocupar meus pensamentos com um livro do Hemingway, Luís me ligou.

- É agora. – falei para mim mesmo.

Dona Maria, minha senhoria, abordou-me na porta da saída me perguntando qual animal deveria apostar no jogo do bicho.

- Ornitorrinco. – respondi.

- É sério, diz o sonho que você teve hoje, pode ajudar.

Como eu estava louco pra que o papo terminasse, não hesitei em falar sobre meus sonhos eróticos com uma ruiva que eu mal sabia o nome. Dona Maria achou graça com sua boca desdentada, me chamou de danado e me ofereceu um cigarro. Fazia dois anos que eu não fumava, não queria esfregar meus pulmões no asfalto, mas eu me sentia tão ansioso naquele momento que não me

senti capaz de recusar. Dois anos de jejum, pensei. Dona Maria começou a falar, fazendo-me sentir o desagradável odor que vinha de sua escura boca. Temi que meu hálito também ficasse tão fétido, nada deveria estragar aquela noite caso eu chegasse a conhecer Mônica. Apaguei o cigarro e voltei para meu apartamento desesperado, sem me importar em deixar a velha senhora falando com as paredes, correndo para o banheiro para lavar minha boca. Olhei-me no espelho. Meus dentes perfeitamente enfileirados graças a uma genética privilegiada concedida a mim me fizeram lembrar que eu deveria ser confiante, mulheres não levam a sério homens inseguros. Não que eu não seja inseguro, mas preciso tomar muito cuidado para não demonstrar nada que possa ferir minha imagem, pois ela sempre foi meu bilhete de passagem para explorar os confins de qualquer corpo que eu desejasse, por que com Mônica seria diferente?

Toquei-me mais uma vez, lavei as mãos rapidamente, corri para a saída, Dona Maria ainda falava como se nem tivesse notado

minha ausência. Interrompi avisando que iria voltar tarde, talvez só de manhã.

- Vai beber né, moço danado. Tome cuidado que só tem vagabundo pelo mundo.

Dona Maria lembrava muito minha falecida avó, só que ela não fumava tanto assim, apesar de não dispensar um cachimbo em certas ocasiões. Apesar da pressa, tive tempo de perceber o quanto era reconfortante sua presença, quase como um adorno para compensar a falta que uma mãe, ou talvez avó, fazia-me. Mas não era de uma mãe ou avó que eu precisava no momento, até porque essas figuras jamais poderiam satisfazer minhas necessidades carnis, do contrário eu seria uma pessoa com sérios problemas de saúde mental. Como pode o simples nome de uma pessoa ser o suficiente pra te deixar excitado? No assento do ônibus, cruzei as pernas para ninguém notar o volume em minha calça, eu não queria causar inveja a ninguém. Fechei os olhos e concentrei meus pensamentos em coisas que fizessem minha excitação ir embora, como freiras pegando fogo, por exemplo.

Assim que desço do ônibus encontro Luís sentado na calçada lendo um quadrinho.

- Que tipo de pessoa traz um quadrinho do Homem-Aranha pra ler numa festa?

- Eu sempre trago algo para passar o tempo, meus pensamentos nunca são o suficiente. – ele guardou a revista na mochila e me olhou com um brilho singular no olhar. – Eu sabia que você viria.

- É claro, você acha que eu perderia a primeira festa da sua vida? Quem sabe o que pode acontecer? Você pode acabar conseguindo coisas que nunca sonhou ter, como uma namorada ou uma vida própria.

Luís sorriu e olhou para o chão, percebi uma luz se apagando em seu olhar; eu não tinha a intenção de ofendê-lo. Eu pensei em dizer algo mas ele falou:

- Você me subestima por eu ser gordo, por eu ser feio, por eu achar que Palhaços Assassinos do Espaço Sideral é uma obra-prima incompreendida pela crítica.

- Qual é? Não leve para o lado pessoal, foi uma piada. É isso que os homens fazem,

eles alfinetam uns aos outros, o primeiro a explodir perde. Isso é o que faz um homem de verdade, um ego inabalável que não pode ser derrubado por nada. Haverá mulheres, bebidas... Se essa for sua primeira festa, te apresentarei um mundo novo que vai te fazer desejar ter me conhecido há bem mais tempo. Eu não vou descansar até que uma morena peituda esteja te lambendo dos pés a cabeça, o que acha? – dei um tapinha em suas costas, ele começou a rir.

- Desculpa. É que... estou muito nervoso.

- Bobagem, eu também fiquei nervoso no dia em que perdi a virgindade.

- Quantos anos você tinha?

- 12, num bordel, presente de aniversário do meu pai. Agora vamos.

O estacionamento, que até então era ocupado apenas por carros, estava cheio de pessoas segurando copos e dançando. A música era alta e era difícil saber de onde vinha, a única coisa visível eram as pessoas. Reconhecemos conhecidos aqui e ali, muitos nos cumprimentavam calorosamente, outros nos olhavam com

espanto e se afastavam. No momento, nossa prioridade era encontrar alguma barraca de bebidas.

- Vinho ou cerveja? – perguntei.

- Qual o mais barato?

- Tem que achar a barraca primeiro. Mas acho que o vinho é mais caro.

- A gente divide uma latinha, então. Deus, eu tô muito desconfortável!

- Você está sóbrio, tem calma.

Um forró de letra bem genérica sobre um coração partido tocava, irritando-nos profundamente e quase nos fazendo sentir arrependidos de comparecer a tal local. Nunca mais eu vou chorar, Nunca mais eu vou sofrer, que tipo de letra é essa? Isso é arte? Mesmo que seja fruto da expressão do autor ou seja lá como devo chamar quem tenha escrito isso, posso chamar algo tão raso assim de arte?

- Isso é arte, Luís?

- O quê?

- Essa música. Esse caos sem qualquer tipo de força exprimida vomitado em nossos ouvidos neste exato momento, essa letra, isso é arte?

- Tudo é arte. Você não é obrigado a gostar. Encontrei a barraca.

E para lá nos dirigimos, a latinha custava quase cinco reais, nem ferrando compraríamos duas, dividir uma só pareceu o mais sensato. Pegamos copinhos e os enchemos. Na primeira golada, Luís disse:

- Já estamos nos divertindo?

- Calma, gafanhoto. O álcool pode ser lento, mas isso é porque ele precisa de tempo para encontrar seu devido espaço.

- Que se dane. – disse Luís virando o copo inteiro e enchendo mais outro. Eu procurava Mônica com o olhar, mas acabei me distraíndo com mulheres de shortinhos que reboavam freneticamente.

- Pelo menos a vista daqui é bonita.

Loiras, morenas, carnudas e peitudas, eu estava no lugar certo com a pessoa errada. Senti-me tentado a abandonar meu

simpório amigo e adentrar pela festa sozinho, na esperança de abocanhar alguma presa. Mas acabei repensando melhor e considere o fato de não ser amigo de ninguém dali, levando-me a poupar-me do papel de ridículo. Ao final da latinha, percebemos o quanto éramos fracassados.

- A gente devia ter ficado em casa. – falei.

- Talvez tenha razão. Então, isso é estar bêbado? Essa vontade de morrer?

- Faz parte. Quer outra cerveja?

- Não.

- Eu pago.

- Tudo bem.

Luís cambaleava, eu ria de seu amadorismo, seria divertido vê-lo vomitar. Compramos mais uma cerveja quando ele segurou em meu ombro e levantou a mão apontando o dedo em uma direção na esperança que eu olhasse.

- Nick, Nick, tá vendo lá? É o Cabeça, vamos falar com ele!

- O nome dele é Cabeça?

- Ele gosta de Senhor dos Anéis, eu preciso debater Senhor dos Anéis com alguém ou vou morrer.

- Vocês são amigos?

- Não, mas por uma razão que não sei explicar tô pouco me importando com isso, só quero falar com ele.

Então, Luís me puxou, tomei mais um gole da cerveja e nos aproximamos de Cabeça; assim que o vi imaginei que ele fosse chamado assim devido ao tamanho de sua cabeça. Ele bebia num copo de plástico e estava encostado no capô de um carro, conversando com um colega.

- Ele tá com o Aldo. – disse Luís.

- Quem é Aldo?

- O Aldo não gosta de mim, mas ele acha que não sei disso, por isso sempre me cumprimenta quando me vê na rua.

- Ele é falso?

- Pior, ele é educado.

- Quer voltar pra onde a gente estava?

- Não, vamos falar com ele também.

Nos aproximamos, Luís cumprimentou Cabeça e para minha surpresa, os dois conversaram amistosamente; esse Cabeça devia ser um cara bem legal.

- Ah, esse é meu amigo Nicolas. – disse Luís me puxando pelo braço para que eu apertasse a mão de Cabeça.

- Me chama de Nick.

- Prazer, Rodrigo.

- Mas não te chamam de Cabeça?

- Me chamam de muitos nomes, Cabeça, Rodrigo, gostosão... Esse é meu amigo Aldo.

Aldo nos cumprimentou, sorriu discretamente e perguntou se nós estávamos bem, ele parecia um robô programado para ser gentil. Eu não sei como conseguiríamos sair daquela irritante formalidade, eu queria estar mais bêbado do que estava, Luís e Rodrigo surpreendentemente começaram uma discussão acirrada sobre O Senhor dos

Anéis, eu queria morrer. Tentei conversar com Aldo, imaginei que ele pudesse vir a ser um amigo bem mais útil que Luís, principalmente quando ele disse que estava de carro, porque solteiros que andam de carro sempre pegam mais mulher. Só que o Aldo era tão entediante! Ofereci um pouco de cerveja, para ver se assim ele ficava mais interessante de se falar, mas ele disse que não podia beber pois estava dirigindo.

- Vocês não querem ir pro meio da galera e dançar um pouco? – perguntei, num ato desesperado de tentar movimentar um pouco aquele momento extremamente chato.

- Dançar forró só presta agarradinho e não tem nenhuma dona aqui. – disse Rodrigo.

Terminei minha cerveja e falei:

- Eu quero mulher!

- Tem caipirinha. Quer um gole?

Bebi um pouco do copo de Cabeça, minha mente começou a rodar, eu me sentia exausto. Luís não parecia em melhor estado,

Aldo deve ter percebido isso pois sugeriu uma carona para casa.

- Vocês já estão indo embora?

- A gente vai pro Portão Preto. – disse Cabeça. – Se quiserem ir com a gente...

- O que é isso? Portão Preto? Parece nome de lugar onde fazem rituais satânicos.

- Pode não ser satânico, mas lá é um inferninho. Só que lá não tem uma virgem pra gente sacrificar.

- Vamos? – disse Aldo, com seu desprezível sorrisinho.

Pedi mais um golinho da caipirinha de Cabeça, respirei fundo e tentei me manter de pé sem precisar me segurar em nada. Ao abrir os olhos, com a vista levemente desfocada, distraí-me com uma visão aparentemente banal, porém singular. Não muito longe de nós, uma jovem adulta estava afastada da multidão, de pé perto de uma árvore, austera, fumando um cigarro que não tinha filtro, provavelmente maconha. Exalava muita fumaça, via a festa acontecendo através de olhos verdes e frios,